

Eucaristia: presença real e amor social a partir do pensamento de Paulo VI

*Eucharist:
real presence and social love from the perspective of Paul VI*

Anderson Messina Perini

Resumo

O presente artigo tem como objetivo, demonstrar a relação entre Eucaristia e a exigência da justiça social. Esta temática retorna com vigor sob o pontificado de Francisco, sobretudo, diante das crises econômicas, climáticas e sociais, e que era pauta clara nos anos de 1960. O ideal da pesquisa é resgatar o tema a partir do papado de Paulo VI e do Concílio Vaticano II, apontando a inextricável relação entre Eucaristia e ética. Buscar-se-á em nossa pesquisa abarcar três pontos: traços biográficos de Paulo VI, buscando relevância em sua formação doutrinária acerca de Eucaristia e Sociedade; depois, a partir da Encíclica *Mysterium Fidei* destacar as preocupações de Paulo VI a respeito da doutrina da Eucaristia; e, por fim, salientar a relação entre Presença Real de Cristo na Eucaristia e o Amor Social. O nosso propósito não é encerrar o tema, mas introduzir a essa temática, pois o Evangelho e a Eucaristia exigem uma coerência entre fé, liturgia e vida cristã.

Palavras-chaves: Eucaristia. Paulo VI. Amor Social. Presença Real.

Abstract

The aim of this article is to demonstrate the relationship between the Eucharist and the demand for social justice. This a theme thar has returned with vigor under the pontificate of Francis, especially in the face of economic, climatic and social crises, but which was clear agenda in the 1960s. The aim of the research is to recuse the theme from the papacy of Paul VI and the Second Vatican Council, pointing out the inextricable relationship between the Eucharist and ethics. In our research, we will seek to encompass three points: bibliographical traits of Paul VI, seeking relevance in his doctrinal formation about Eucharist and Society; then, starting from the Encyclical *Mysterium Fidei*, highlight Paul VI's concerns regarding the doctrine of the Eucharist; and, finally, to emphasize the relationship between the Real Presence of Christ in the Eucharist and Social Love. Our purpose is not to close the topic, but to introduce this theme, because the Gospel and the Eucharist require a coherence between faith, liturgy and Christian life.

Keywords: Eucharist. Paul VI. Social Love. Real Presence

Introdução

A Eucaristia é o sacramento central da fé cristã católica. Deste emana uma fonte de graças aos batizados que, principalmente aos domingos, se acercam do altar. É um sacramento não meramente simbólico, traz objetivamente uma realidade, que é o próprio Cristo. Comungar do Cristo sacramentado é assumir tudo o que está implícito e explícito nesta celebração. É fazer Memória, presentificar o único Sacrifício de Cristo na Cruz e antecipar o seu Reino. É alimentar-se de Deus que se faz presente no altar. É realizar Comunhão, união íntima com Deus e com todos os homens. É renovar o Batismo, pelo qual somos constituídos Igreja e justificados pela fé.

Celebrar a Eucaristia não é apenas cumprir um rito, constitui um projeto de vida. Tal plano presente na Missa é o próprio projeto de salvação que Deus quer para a humanidade desde a Criação e que foi realizado em Cristo Jesus graças à sua Encarnação e Redenção. Comungar é aceitar o plano de salvação desejado por Deus. Seu plano constitui na participação divina, a realização do Reino de Deus e da Caridade. Por isso, o podemos afirmar juntamente com São Tomás de Aquino, chama este mistério de Sacramento da Caridade,¹ pois Deus é amor e ele nos chama a participar dele.

Mas nem tudo é belo. A realidade é crua e perversa. Na atualidade apresentam-se males em todas as instâncias sociais, inclusive na Igreja. Segundo Kloppenburg, “Os males sociais têm sua principal origem na perda do amor a Deus e da caridade dos homens entre si”.² A injustiça, a marginalidade, a violência, as drogas, o desemprego, o analfabetismo, a indigência e a miséria, a corrupção, a destruição do meio ambiente, as mudanças climáticas de nossa casa comum tem como fundamento o orgulho humano de querer manipular a vida, ser autossuficiente e superior, a ponto de se colocar acima de Deus ou de simplesmente ignorá-lo. O agnosticismo, o relativismo, o consumismo desenfreado, o neoliberalismo, o egocentrismo, o hedonismo são males sociais, que estão levando a humanidade à sua própria destruição, independente de classes ou posições sociais.

Diante desta realidade a Igreja não pode se fechar, pois também Jesus comeu com os pecadores e os curou, esteve ao lado dos excluídos e marginalizados. A Igreja proclama a dignidade humana, que “se encontra no Deus vivo revelado em Jesus”.³ O desafio hodierno está num novo revigoramento e atualização na vida cristã a partir do seu maior e santo mistério, a Eucaristia.

Ao trabalharmos a temática “Eucaristia: Presença Real e Amor social a partir do pensamento de Paulo VI”, queremos resgatar a relação entre Eucaristia e a exigência da justiça social, tema intensamente debatido na Igreja nos anos sessenta e setenta do século XX. Hoje, retorna com vigor com o papado de Francisco e diante das crises econômicas, climáticas e sociais.⁴ Nosso intuito é resgatar a temática a partir do papado de Paulo VI e do Concílio Vaticano II. Para isso, buscar-se-á em nossa pesquisa, a partir de uma revisão bibliográfica, abordar três pontos: a biografia de Paulo VI e sua

¹ AQUINO, T., *Suma Teológica*, III, q.73, a.3.

² KLOPPENBURG, B., *Colheita na Vetustez*, p. 105.

³ DAp 389.

⁴ BOSELLI, G., *O sentido espiritual da Liturgia*, p. 163-185.

formação doutrinária acerca de Eucaristia e Sociedade; depois, a Encíclica *Mysterium Fidei* e as preocupações de Paulo VI acerca da doutrina sobre a Eucaristia; e, finalmente, a relação entre a Presença Real de Cristo na Eucaristia e o Amor social. Nosso objetivo não é encerrar a temática, apenas iluminar a relação ética da Eucaristia, pois nela faz a Igreja e transforma a sociedade.

1. Histórico de Paulo VI e sua formação doutrinária acerca de Eucaristia e Sociedade

Giovanni Battista Montini, nome de batismo do papa Paulo VI, nasceu em Concesio, Brescia, na Itália, em 1897. Foi o terceiro filho do casal Giorgio Montini e Giuditta Alghisi. De família tradicionalmente católica e de vida virtuosa. Era uma família nobre, dedicada aos pobres e sofredores.

Seu pai, Giorgio Montini, era advogado, jornalista e político. Chegou a ser deputado pelo Parlamento italiano. Desde tenra idade, Giovanni é impregnado pelo carisma do pai pelas preocupações sociais. Ele mesmo dirá isso em seus diálogos com Guilton: “A meu pai devo os exemplos de coragem, a urgência de não se entregar estupidamente ao mal, o juramento de não proferir nunca a vida às razões da vida. O seu ensinamento pode se resumir numa palavra: ser uma testemunha. Meu pai não tinha medo”. Sobre sua mãe Giuditta chegou a afirmar: “A minha mãe devo o senso de recolhimento e da vida interior, de meditação que é a oração, da oração que é meditação. Toda a sua vida foi um dom”. e sobre seus pais: “Ao amor pelo meu pai e de minha mãe, à sua união, devo o amor de Deus e o amor aos homens”.⁵ A educação da fé familiar de Paulo VI foi de tipo testemunhal, a transmissão explícita e sistemática do Evangelho. A preocupação paterna pelas causas sociais, o desejo de colocar os princípios evangélicos na base das instituições e organizações da sociedade, que foram ideais de família e transmitido a Giovanni.

Outra experiência fundamental em sua formação, foi ter estudado na adolescência e juventude no colégio jesuíta “Cesare Arici”, de Brescia, entre 1902 a 1914. Era dirigido por padres filipinos, e vale destacar a amizade e orientação espiritual do padre Giulio Bevilacqua, que duraram até seu pontificado. Seus estudos seguiram o estilo católico da época: escolástico-tomista. Mas foi neste período que teve engajamento apostólico na Congregação Mariana do Colégio. Escreveu no jornalzinho do colégio “Ecos da vida colegial” com 15 anos e descreve sua experiência com o grupo de jovens para a promoção dos mais pobres da cidade. Na conclusão de seu artigo ele faz reflexões daquela experiência à luz do Evangelho: “Olhando para este quadro do encontro com os colegiais com os pobres uns para servir, outros para agradecer, vem espontaneamente no coração o desejo de elevar-se acima da materialidade do ato de ver, à luz da caridade de Cristo, jovens sedentos de justiça e de amor e, nos pobres, a mística pessoa sofredora de Cristo que pede e obtém conforto e ânimo”.⁶

Ordenou presbítero com 23 anos na Catedral de Brescia em 29 de maio de 1920. Obteve em Milão, doutorado em Direito Canônico. Após esses estudos foi enviado a

⁵ HADDAD, A., Eucaristia e Compromisso social, p. 47.

⁶ HADDAD, A., Eucaristia e Compromisso social, p. 49.

Roma pelo seu bispo Monsenhor Gorggia. Em Roma, fez curso de Filosofia na Pontifícia Universidade Gregoriana e cursou Letras na Universidade de Roma. Mais tarde, cursou Direito Civil na Universidade Lateranense, obteve a láurea nessa disciplina.

Com apenas 26 anos, em 1923, ingressa na vida diplomática do Vaticano. Sua primeira missão foi trabalhar na Nunciatura Apostólica de Varsóvia, na Polônia. Devido sua saúde frágil, que acompanha toda sua vida, retorna várias vezes a Roma. No fim de 1924, foi nomeado para a Secretaria do Estado do Vaticano. Naquele tempo, foi designado diretor espiritual do Circolo Romano, Órgão da Ação Católica para universitários. Durante 10 anos, essa foi a experiência pastoral marcante de padre Giovanni. Conheceu jovens que, mais tarde, estavam como expoentes da política italiana, tais como: Taviani, Andreotti e Moro, filiados a Democracia Cristã. Moro chegou o cargo de Primeiro Ministro, tornou-se um grande amigo. Ele foi sequestrado e morto em Roma pela Brigate Rosse, o que abalou profundamente Paulo VI. Mas com os universitários, Monsenhor Montini desenvolveu uma ação relevante em favor dos pobres e imigrantes que buscavam empregos na Porta Metronia, lugar de grande miséria.

Em 1937, foi nomeado por Pio XII, para o importante cargo de Substituto da Secretaria de Estado para Negócios Eclesiásticos, juntamente com Monsenhor Tardini, função que exerceu durante 30 anos. Neste período houve a Segunda Guerra Mundial, e desenvolveu, em nome da Santa Sé, intensa atividade em favor dos perseguidos. Duas instituições foram colocadas a serviço dessa causa: a Pontifícia Comissão de Assistência e o Serviço de Informação. Nesta época, também demonstrou sua preocupação com a renovação da Cúria Romana e sua internacionalização, para colocá-la a serviço dos Bispos de toda Igreja.

Em 1954, é ordenado bispo na Basílica de São Pedro e nomeado como Arcebispo de Milão (1955-1963). Em Milão, Monsenhor Montini esteve ao lado dos operários e das reivindicações de esquerda que atuavam no seu território. Não se esqueceu dos afastados da Igreja. Sua atuação pastoral em Milão foi marcante de renovação e sempre ao encontro dos pobres. Sua marca pastoral foi a *Missão de Milão* de novembro de 1957. Foi um trabalho pastoral que envolveu toda sociedade milanese, preparado por dois anos, que participaram 500 agentes de pastoral, dois cardeais, 24 bispos, sete mil intervenções e palestras nas igrejas, estabelecimento industriais e entidades culturais. A maior participação do arcebispo Montini foi por meio da rádio, escritos e conferências. Procurou promover uma ação pastoral que desenvolvesse a renovação litúrgica e a construção de novas igrejas.

Após o falecimento de Pio XII, falou-se muito do Arcebispo de Milão como Papa, embora não fosse cardeal. O eleito foi João XXIII, cujo pontificado durou cinco anos. João XXIII fê-lo cardeal e surpreendeu o mundo com a convocação do Concílio Vaticano II, abrindo a Igreja ao diálogo com o mundo moderno.

Após a morte de João XXIII, o Conclave elegeu o Cardeal Montini no quinto escrutínio, que escolheu o nome de Paulo. Como papa continuou o Concílio e as reformas na Igreja. A aplicação das decisões conciliares não foram nada fáceis. Paulo VI sofre com os abusos, com conturbações dentro da Igreja, que se realizavam em nome do Concílio. É importante ressaltar a reforma da Cúria Romana e sua internacionalização, a instituição do Sínodo dos Bispos (1965), organismo novo na

igreja romana e a fixação de 120 cardeais para o futuro conclave (1970).

No seu pontificado inicia-se as peregrinações apostólicas, uma grande novidade. Esteve na Terra Santa em 1964, como mensageiro da paz nas Nações Unidas em 1965. Em Fátima, Istambul e Éfeso em 1967. Em Bogotá, onde participou do Encontro Episcopal Latino-americano de Medellín em 1968. Genebra e Kampala (Uganda) em 1969. Em 1972, visitou o Extremo Oriente: Irã, Paquistão, Filipinas, Samoa, Austrália, Indonésia, Hong Kong, Sri Lanka. Além dessas viagens, percorreu várias vezes o território italiano.

Suas Encíclicas foram riquíssimas para patrimônio doutrinal da Igreja e refletem o pensamento do Concílio Vaticano II. *Ecclesiam Suam* (1964), sobre a Igreja em que expôs o projeto de seu pontificado. *Mysterium Fidei* (1965) sobre a Eucaristia. Sobre o Celibato Sacerdotal (1967), que discutia a identidade do presbítero. *Populorum Progressio* (1967), encíclica social de grande repercussão. E *Humanae Vitae* (1968), que com coragem expressa seu profundo humanismo sobre a reprodução humana, em defesa da vida desde a concepção até seu fim natural.

Destacamos que sua formação apesar de ser clássica tipo escolástica-tomista, ela esteve acompanhada pelas viradas teológicas de perspectiva antropológica e existencialista que marcaram o século XX. Paulo VI foi considerado politicamente de centro esquerda. Seu trabalho pastoral sempre se preocupou com uma Igreja ao lado dos pobres. Desta maneira, percebemos ao longo de sua formação, de seus escritos e sua atuação pastoral esteve em conformidade com os movimentos litúrgico, bíblico, ecumênico, mariano que influenciaram também o Concílio Vaticano II. Pensar Eucaristia e amor social é combinar dois elementos presentes em Paulo VI, sua espiritualidade profundamente marcada pela Eucaristia e sua ação pastoral social que destacam na sua atividade presbital.

2. *Mysterium Fidei* e as preocupações de Paulo VI acerca da Eucaristia

A carta Encíclica *Mysterium Fidei* foi publicada entre as calorosas discussões do Concílio Vaticano II. A constituição sobre a Liturgia, a *Sacrosanctum Concilium*, havia sido publicada em dezembro de 1963. Mas interpretações após as publicações dos documentos conciliares não tão tradicionais ao que a Igreja ensinava sempre, e o espírito de entusiasmo e renovação que o Concílio provocou, fizeram Paulo VI em 1965 a esclarecer a doutrina tradicional sobre a Eucaristia.

Tal encíclica busca esclarecer o culto sobre a Sagrada Eucaristia como sacramento central da vida e da Igreja. Eucaristia e Concílio estavam relacionados. Paulo VI, em seu discurso à abertura da quarta sessão do Concílio, durante a audiência geral aos fiéis, ele recorda essa preocupação, e além disso, exorta aos teólogos e todo católico a refletir a relação entre Eucaristia e Igreja em termos de aspectos espirituais mais significativos aos tempos atuais.⁷ Deste modo, a preocupação de Paulo VI eram duas: primeiro, em promover a doutrina essencial e intocável da doutrina da fé; e outra, em levar aos pensadores católicos de nosso tempo a descobrir e penetrar o mistério

⁷ HADDAD, A., Eucaristia e Compromisso social, p. 120.

eucarístico e desvelar suas riquezas espirituais a humanidade hodierna.

Entretanto, três pontos ressaltam na *Mysterium Fidei*, que faz Paulo VI reafirmar a doutrina tradicional da Igreja acerca da Missa Privada, a doutrina da Transubstanciação e o Culto Eucarístico fora da Missa. Esses temas, Paulo VI reafirma como pastor da Igreja, para preservação do depósito da fé.

Em relação a Missa Privada, Paulo VI ressalta que não há maior valor entre a Missa privada ou comunitária. Ambas são de igual valor: “Toda a Missa, ainda que celebrada privadamente por um sacerdote, não é ação privada, mas ação de Cristo e da Igreja”.⁸ Nesta frase se ressalta alguns elementos. Primeiro, Paulo VI não está desmerecendo todo trabalho de reflexão e o valor da participação ativa dos fiéis e nem muito menos a concelebração, ou seja, o valor da eclesialidade na liturgia promovida pelo Movimento Litúrgico e a Reforma Litúrgica promovida por ele próprio. Mas destaca-se que mesmo por piedade pessoal do ministro ordenado pelo valor da Eucaristia, a missa privada tem valor eclesial, pois:

a Missa que um sacerdote, por justa causa e segundo as prescrições e tradições legítimas da Santa Igreja, reza privadamente, embora haja apenas um acólito para ajudar e responder; de tal Missa deriva grande abundância de graças particulares, para bem tanto do sacerdote, como do povo fiel e de toda a Igreja.⁹

Nesse ensinamento, Paulo VI recorda as conclusões do Concílio de Trento e a encíclica *Mediator Dei* de Pio XII, e sublinha o valor eclesial e social de toda e qualquer missa, seja comunitária, concelebrada por vários sacerdotes ou de modo privado com uma assistência, segundo as prescrições da Igreja. Pois quando se reza, Deus e a Igreja se faz presente.¹⁰

Outro ponto é sobre a Transubstanciação. Devemos entender que a teologia do século XX tem uma virada antropológica e fenomenológica, e que depois de Kant fica difícil dialogar com o mundo moderno em termos metafísicos, sobretudo, com a ciência. Deste modo, muitos teólogos buscaram atualizar alguns pontos da doutrina à luz da filosofia e teologia contemporânea, dentre esses pontos o tema da Transubstanciação na Eucaristia. Sabemos que a Igreja atualmente fechou e cercou o tema desde Paulo VI, pois não renunciou a teologia escolástica e metafísica de então. Mas diante do diálogo com o mundo moderno e o ecumenismo como falar de Presença Real de Jesus na Eucaristia?

Vários teólogos buscaram explicitar de novo modo essa presença, não mais com os termos escolásticos, mas em diálogo com a filosofia e teologia emergente na contemporaneidade.

Dentre esses, destaca o teólogo belga, o padre dominicano Eduardo Schillebeeckx, que ponderava, sem negar a Transubstanciação, três pontos principais para uma nova teologia eucarística. Primeiro, a valorização dos sacramentos como sinal

⁸ MF 32.

⁹ MF 32.

¹⁰ HADDAD, A., Eucaristia e Compromisso social, p.124-125; PAULO VI, Pp., *Mysterium fidei*, 32-35; Mt 18,20.

em oposição à concepção tipo “física”. Outro ponto é a crise da concepção filosófica da substância tipo aristotélica e metafísica, diferente da concepção vista como substância da física moderna. E por fim, o conceito de presença com suas várias significações.

Dentro dessa nova moldura sacramental, Schillebeeckx explana as noções de transsignificação e da transfinalização entendida na chave interpretativa à luz da transubstanciação. Neste novo modo de pensar o mistério eucarístico e a presença real há uma redescoberta e valor do simbolismo sacramental, um resgate do conceito substância tridentino e um passo para uma aceitação ecumênica da presença de Cristo na Eucaristia.

Tal concepção nova que foge dos padrões escolástico-tomista trouxe perplexidade nos ambientes mais conservadores da Igreja como uma tentativa de negar o mistério da presença real de Jesus nos termos da transubstanciação. Mas nunca fora essa a intenção do teólogo belga, ao contrário, ele buscava nestes termos dizer de um modo novo o mesmo mistério.

Para Schillebeeckx, sua preocupação é a partir da antropologia fenomenológica atual esclarecer de um modo novo a realidade ontológica de Cristo na Eucaristia. Esta realidade ontológica não está abaixo do fenomênico, “mas que para a consciência daquele que crê, essa se manifesta juntamente no fenomênico”.¹¹ Dessa forma, continua o teólogo belga, para aquele que acredita, não há grande diferença em saber se Cristo está como um dom no qual posso experimentar e provar seu amor, ou que ele se dá a mim realmente aqui e simplesmente como alimento sacramental. Portanto, este como da presença real constitui uma resposta a uma questão vital tanto quanto o porquê.

Para tanto, esta constitui a grande preocupação de Paulo VI o uso do problema realidade dentro da estrutura da percepção humana realizado pelo padre dominicano, pois distanciando das categorias da escolástica clássica, acentua a personalidade existencial do Senhor presente na Eucaristia. Ele se torna presente como oferta, enquanto se oferece a comunidade como dom, de tal modo que essas mesmas ofertas se realizam a sua pessoa presença real. Visto assim, a transubstanciação é compreendida como um modo, que é somente possível pelo poder de Deus, da mudança de significatividade do pão e do vinho no Corpo e Sangue do Senhor. São elementos agora transsignificantes, pois não são mais destinados ao nutrimento do corpo, mas da presença real de Cristo. E mudam sua finalidade íntima, pois não tem mais o objetivo de fortificar o corpo, mas estes estão transfinalizados na doação de Jesus faz de si mesmo ao corpo da Igreja. Destaca-se assim, que a transubstanciação não é de maneira de compreensão química e física como entende a modernidade da ciência, mas sim apenas ontológica. Pois a realidade físico-química do pão e do vinho permanecem, mas depois da consagração se tornam realidade fenomênica e sinal da presença de Cristo.¹²

Outro conceito que acrescenta a nossa busca é a noção de transelementação e de transcriação apresentada por Rosato¹³ com base na presença real. Segundo Haddad, na

¹¹ HADDAD, A., Eucaristia e Compromisso social, p. 127.

¹² ALDAZABAL, J., A Eucaristia, p. 293-296; HADDAD, A. Eucaristia e Compromisso social, p. 129; NOCKE, F-J. Doutrina específica dos sacramentos, p. 268.

¹³ HADDAD, A., Eucaristia e Compromisso social, p. 144-146.

Mysterium Fidei, o conceito de substância é substituído por realidade. Transelementação é um conceito antropológico que amplia o horizonte ontológico do conceito transsubstanciação. Transelementar é o princípio criador de Deus, força criadora que por ação do Espírito Santo opera nos dons levados pelos fiéis ao banquete eucarístico. Tal conceito é uma tentativa de volta às origens patrísticas. Os dons representam o cosmo inteiro que fora criado pelo Pai, recriado pelo Filho e espera ainda a transcrição do Espírito Santo, o que denota o conceito ligado com a escatologia. A ação do Espírito Santo na Eucaristia efetua a transcrição das espécies fazendo-as passar do movimento Pai-Filho-Esperito e introduzir no movimento Espírito-Filho-Pai. Isso é alicerçado pela citação de Santo Ambrósio: “A palavra de Cristo, que pode fazer do nada aquilo que não existia, não poderá mudar as coisas que existem naquilo que eram? Criar não é menos que mudá-las”.¹⁴ Nesse conceito, há uma valorização da epiclese na missa.

Paulo VI, todavia, se lança preocupado a respeito dessa nova reformulação teológica, e antes mesmo do lançamento da *Mysterium Fidei* na semana santa daquele ano ele afirmou que há quem deseja reduzir as palavras divinas sobre a Eucaristia como simples ceia ritual ou como uma simples presença simbólica, ou ainda a elevação de coisas familiares a significados superiores. Na *Mysterium Fidei* ele reafirma a doutrina tradicional:

Todavia, para que ninguém entenda mal este modo de presença que supera as leis da natureza e constitui no seu gênero o maior dos milagres, é necessário escutar com docilidade a voz da Igreja docente e orante. Esta voz, que repete continuamente a voz de Cristo, ensina-nos que neste Sacramento Cristo se torna presente pela conversão de toda a substância do pão no seu Corpo e de toda a substância do vinho no seu Sangue; conversão admirável e sem paralelo, que a Igreja Católica chama, com razão e propriedade, “transsubstanciação”.¹⁵

A última preocupação do Papa Montini era quanto o culto eucarístico fora da missa. Reafirmado o dogma da transsubstanciação, ele destaca o modo da presença real de Cristo na Eucaristia se deve adoração durante a missa como também fora dela.¹⁶ Mesmo que o movimento litúrgico e o movimento eucarístico minimizavam a devida importância do culto latrêutico nas espécies eucarísticas, Montini reforça como que tal adoração é vital e central na vida de Igreja e realça seus frutos eclesiais e sociais: “o culto eucarístico promove muito nas almas o amor “social”, que nos leva a antepor o bem comum ao bem particular, a fazer nossa a causa da comunidade, da paróquia e da Igreja universal, e a dilatar a caridade até abraçarmos o mundo inteiro”.¹⁷ Dessa maneira, o culto dado à Eucaristia após a celebração continua, pois comprometendo toda a comunidade e as pessoas envolvidas exige de cada um uma adesão de fé e uma coerência de vida.

¹⁴ HADDAD, A., Eucaristia e Compromisso social, p. 145.

¹⁵ MF 49.

¹⁶ MF 58.

¹⁷ MF 71.

3. Presença Real de Cristo na Eucaristia e Amor Social

Depois de termos apresentado as preocupações do Papa Paulo VI sobre a Eucaristia e sua defesa a doutrina tradicional que a tradição teológica consagrou com a expressão transubstanciação. A partir das reflexões teológicas atuais e a encíclica *Mysterium Fidei* que complementaram tal conceito com as noções de transignificação, transfinalização, transelementação e transcrição. O que buscamos neste íterim é redimensionar tal dogma a sua implicação ao amor social.

Como já dissemos, a presença real de Cristo na Eucaristia ocorre durante a celebração, mas de modo excelente nos dons consagrados do pão e do vinho, que após o relato da instituição, tornam-se corpo e sangue de Cristo. Em cada espécie está contido real, verdadeira e substancialmente o Cristo todo, com seu corpo, o seu sangue, a sua alma, e a sua divindade. Jesus está presente pelo modo de substância, isto é, as espécies consagradas são transubstanciadas, muda sua essência concreta, a substância, embora continuem os acidentes que são o pão e o vinho. Assim, como ocorre nas espécies consagradas, de modo semelhante ocorre na Igreja, pois enquanto os fiéis estão comungando o Cristo eucarístico, por analogia, também são “transfigurados”, transformados por nele. Não dilui a nossa humanidade, mas somos como que cristificados. Isso está implícito na patrística, quando Santo Agostinho afirma que o mistério presente no altar é a própria Igreja, Corpo de Cristo, que é de fato bíblico;¹⁸ como está presente no próprio texto litúrgico, quando na segunda *epiclese*, mediante ação do Espírito Santo, ao participarmos desse banquete eucarístico tornamo-nos um só corpo e um só espírito em Cristo Jesus, congregando-nos a comunhão. É por isso que podemos atestar que a Eucaristia faz a Igreja.

Entretanto, se realmente os comunhantes são cristificados, por que as pessoas não parecem mais convertidas ou transformadas depois da Eucaristia? Aqui entramos no tratado da graça, pois essa cristificação é uma graça eucarística. Todavia, cada ser humano, mesmo batizado, é livre, ou seja, possui a livre escolha em realizar as obras de Cristo ou não. E isso não acontece de uma hora para outra, o processo de conversão é para a vida. Podemos inferir um paralelo entre transubstanciação e conversão. Na transubstanciação, o pão e o vinho são transformados em Corpo e Sangue do Senhor, e permanecem assim enquanto subsistirem as espécies. No fiel o processo não é tão simples assim, pois existe para cada um a liberdade, é processo que ocorre na sucessão histórica do indivíduo. É uma busca contínua de santidade.

Por isso, Haddad¹⁹ afirma que a Eucaristia plasma uma Igreja para cada tempo e lugar na história. Retomemos aqui dois conceitos: Cristo é o sacramento original do Pai, pois Jesus revela plenamente Deus por sua Encarnação; a Igreja é sacramento fundamental, pois, por meio dela, Cristo continua agindo no mundo, é sinal e instrumento da implantação do Reino de Deus. A Eucaristia, pois, é sacramento essencial e existencial da Igreja.²⁰ A partir do único sacrifício de Cristo, que se presentifica na Eucaristia, tal sacramento congrega os fiéis a comunhão, sendo assim,

¹⁸ ALDAZÁBAL, J., A Eucaristia, p. 163-166.

¹⁹ HADDAD, A., Eucaristia e Compromisso social, p. 224-231.

²⁰ RH 20.

verdade essencial e existencial para a construção da Igreja. Cristo ama a Igreja, e deu sua vida por ela, grande é este mistério (Ef 5,32). “A comunhão eucarística com o Cristo presente, que alimenta a vida da Igreja, é ao mesmo tempo comunhão no Corpo de Cristo que é a Igreja [...] As celebrações eucarísticas estão sempre em relação com a Igreja inteira, e toda a Igreja está implicado em cada celebração eucarística.”²¹ “A Eucaristia faz a Igreja e a Igreja faz a Eucaristia”,²² ou seja, pelo sacramento Cristo associa a Igreja a seu mistério em louvor e ação de graças no seu sacrifício da cruz oferecido uma vez por todas a Deus Pai, e derrama por seu mistério redentor as graças da salvação no seu Corpo, que é a Igreja. A Igreja cristificada a partir da Eucaristia é utópica, não como se não fosse atingível tal ideal, mas é uma esperança escatológica, que é dinâmica e luz constante no caminho e que se torna atração permanente, que se realizará plenamente na Parusia, onde Deus será tudo em todos.

A Eucaristia é o dinamismo mais profundo que plasma a Igreja-comunidade. Vê-se em pós-Trento uma diminuição do caráter comunitário deste sacramento, prevalecendo uma visão jurídica, normativa e institucional, tendo como foco o indivíduo. Não queremos de modo nenhum desvalorizar esse sentido, pois os efeitos do pão da vida são para cada um dos comungantes. “Quem come minha carne e bebe meu sangue permanece em mim, e eu nele” (Jo 6, 56). Todavia, tem esse santo mistério seu aspecto de graça comunitária (1Cor 10,17). O santíssimo sacramento é comunhão e cria comunhão, pois se fundamenta no próprio Jesus Cristo, que estabeleceu a Nova Aliança e viveu o mistério pascal culminando numa vida de amor e de serviço, levando a solidarizar-se com os mais pequeninos, anunciando a boa-nova da salvação.

Destarte, a Eucaristia é ponto de partida e de chegada. Se não ocorre isso na comunidade, esta não vive com autenticidade este sacramento. Pois, o mistério eucarístico é comunhão de todos os fiéis, nos quais Cristo se torna presente. Ainda mais hoje, como na sociedade brasileira onde majoritariamente somos cristãos, como pode haver uns com mais dignidade do que outros muitos? Quando se tem um profundo conhecimento sobre o mistério eucarístico, se tem sensibilidade e preocupação com o outro, que é um irmão. Ao passo que tomamos consciência da fé, comungar torna-se mais exigente e urgente a conversão.

A Igreja nascida e plasmada pela graça eucarística seria marcada pela mesma intenção de Jesus, isto é, de buscar estabelecer o Reino de Deus e colocar-se integralmente a serviço, tendo o Espírito Santo como guia de formar a Igreja. O Cristo ressuscitado presente realmente na Eucaristia leva a Igreja, seu Corpo, às mesmas atitudes salvadoras que tornaram real seu martírio. Uma Igreja que tem raízes e constante ponto de referência no santo mistério anuncia a presença do Reino. Isso se baseia na caridade, o amor-ágape de Jesus, um amor que abraça a todos, que privilegia os pequenos, que congrega e integra todos na fraternidade. Implica na dimensão trinitária da Eucaristia: “comunhão que se há de construir entre os homens que lhes abranja todo o ser desde as raízes do amor, e há de se manifestar em toda a sua vida, até na dimensão econômica, social e política”,²³ tal comunhão é produzida pela

²¹ Texto de Lima, Eucaristia, 19.

²² GOMES, V. F., A Eucaristia faz a Igreja, p. 360.

²³ DP 215.

Trindade, que é comunicação de sua própria comunhão trinitária.

Cristo se encarnou e tomou a expressão máxima de pobreza pelo seu mistério pascal. A Igreja precisa tomar consciência que Cristo vive no meio dela, especialmente na Sagrada Escritura e na Eucaristia, na assembleia reunida no seu nome, na pessoa dos pastores, e se identifica nos pobres e mais fracos.²⁴ A opção preferencial pelos pobres só encontra luz na paixão, morte e ressurreição de Cristo. Enquanto em sua vida e no seu mistério de paixão e morte, Cristo foi visto como o servo, fiel à vontade de Deus Pai, que exigiu o seu martírio; na liturgia, Ele é o *Kyrios* Ressuscitado, presente no sacramento eucarístico com toda sua ação salvífica de seu Reino.

Aqui voltamos à questão já exposta: Por que essa perspectiva utópica da Eucaristia não é constatável na prática? A graça divina presente no sacramento não é magia. É necessária a identificação entre o livre querer de Deus com o livre querer humano. O sim da Igreja, gerada e plasmada na Eucaristia, é fundamental porque é o sim do Cristo a seu Pai. É a salvação humana que se torna concreta na Igreja. Mas, isso vai tomando forma concreta progressivamente na história em cada tempo e lugar, à medida que a humanidade amadurece a compreensão de sua fé, da revelação divina.

A sociedade nova se outorgará na Parusia. A Eucaristia faz parte daquela economia salvífica que presentifica o futuro escatológico. Assim, este santo mistério propõe agora sinais de nossa esperança cristã. Os valores, a ética cristã, estão presentes nesse sacramento. O cristão, configurado por Cristo na Eucaristia, pode e deve ser colaborador na construção de um mundo justo e fraterno. Esta nova sociedade é fundamentada no amor. A dimensão eclesial eucarística é o influxo do amor dado pela graça neste sacramento como comunidade justa e solidária, influxo intra-eclésia. A dimensão social eucarística é o influxo dessa mesma graça além dos limites eclesiais, influxo extra-eclésia.²⁵ Tais esperanças poderão ser julgadas utópicas, porém seu dinamismo tende a se aproximar lentamente de Deus. Existem três palavras de forte apoio bíblico-patristico, que fazem parte da própria ação da Igreja, que colaboram para a construção dessa nova sociedade: anúncio, salvação e comunhão.

Ao celebrar a Eucaristia, os cristãos realizam o memorial do Mistério Pascal, que é anúncio da morte do Senhor até que ele venha.²⁶ Não é simplesmente anúncio da morte, mas também da razão de sua morte que é o Reino de Deus. Desse modo, se a Eucaristia faz a Igreja, também o Reino por ela anunciado ultrapassa seus limites. Na Igreja manifesta o que Deus quer realizar no mundo: a convocação de todos os homens para um crescimento de comunhão entre si.²⁷

O conteúdo desse anúncio é o Reino de Deus, que é absoluto e relativiza tudo o que se identifica com ele, pois está centrado na salvação de tudo aquilo que destrói o ser humano. Anunciar o Reino é anunciar Cristo, palavra encarnada e graça para o mundo. O profetismo, assim, se faz presente na Eucaristia, pois a Palavra denuncia a realidade concreta onde os valores do Reino não vigoram. Anunciar a justiça, a paz, o desenvolvimento, o equilíbrio econômico e social é anunciar a morte do Senhor e dar

²⁴ DP, 196.

²⁵ HADDAD, A., Eucaristia e Compromisso social, p. 113-118; FLORISTAN, C. Pastoral Litúrgica, p. 432.

²⁶ 1Cor 11,26.

²⁷ HADDAD, A., Eucaristia e Compromisso social, p. 234-235

razões de sua oferta a Deus Pai. A dimensão do amor social eucarístico terá enfoques diversos dependentes do foco teológico, pois os valores evangélicos são fermentos de fraternidade em qualquer sociedade, isto é, ela é inculturada.

A Eucaristia é anúncio de salvação de cada ser humano e de toda a humanidade, pois este sacramento atualiza a salvação humana. A santa missa contém sinais, interpretados à luz da fé, que nos remetem historicamente aos apóstolos e a Jesus Cristo. O Cristo Salvador na missa forja uma Igreja salvadora. Esta Igreja que não só anuncia, mas que salva de maneira concreta com uma pastoral coerente e consequente, trazendo consigo a sua implicação de amor social.

A *Populorum Progressio*²⁸ afirma que a salvação é para cada ser humano e para toda a humanidade. É a vocação do pleno desenvolvimento do ser humano, como um humanismo transcendente, que chega à sua plenitude em Cristo vivificante, ultrapassando sua humanidade, pois se abre ao absoluto e transcendente.²⁹ Paulo VI afirma que as situações que indignificam o ser humano são antieucarísticas, e as condições mais humanas e dignas são eucarísticas.

Na *Evangelii Nuntiandi*,³⁰ a salvação é núcleo e centro do Evangelho, grande dom de Deus, que é libertação de tudo aquilo que encoleriza a humanidade, sobretudo o pecado.³¹ Paulo VI coloca neste documento as fases da salvação: 1) começa durante a vida de Cristo, especialmente na pregação de seu Reino; 2) é definitivamente realizada pelo seu Mistério Pascal; 3) e deve continuar progressivamente pela Igreja, pacientemente no decorrer histórico. Tudo aquilo que está presente no mundo, que podemos dizer que é situação antieucarística provocada pelo pecado social, tais como: miséria, doenças crônicas e endêmicas, injustiças sociais, imperialismo econômico, cultural e tecnológico, analfabetismo, mudanças climáticas; nada disso é alheio à evangelização. A graça eucarística tem forças para penetrar essas situações subumanas, para que coloquem a humanidade numa situação pascal, que se move em direções mais humanas. Se isso não ocorre, corremos o risco de negar Cristo presente na Eucaristia. Assim sendo, a salvação é um aspecto fundamental na Eucaristia, pois recorre a noção de memorial, que evoca a salvação para comunhão e para o serviço no mundo.

Por fim, a Eucaristia vista como comunhão é fundamento para a nova sociedade. O esforço eclesial para atingir e modificar a sociedade é dado pela Eucaristia, bem como os critérios para julgar o que realmente leva ou não à comunhão.³² O conceito de comunhão, faz-nos refletir se as nossas celebrações eucarísticas levam às experiências autênticas de comunhão. Que Eucaristia estamos celebramos? São celebrações que refletem as refeições da vida de Jesus, como na última ceia e nas ceias pós-pascuais, lugar de hospitalidade e acolhimento, da reconciliação e da salvação, ou refletem as críticas de Paulo³³ como ceia da condenação, da divisão e da indignidade? A Igreja deve ser sacramento de comunhão, isto é, promotora da reconciliação e unidade solidária entre os

²⁸ PP 14-17.

²⁹ HADDAD, A., Eucaristia e Compromisso social, p. 237

³⁰ EN 9,30.

³¹ HADDAD, A., Eucaristia e Compromisso social, p. 237-239.

³² HADDAD, A., Eucaristia e Compromisso social, p. 239.

³³ 1Cor 11.

povos, sendo sinal da Trindade, o Deus-Comunhão, prorrompendo amor e esperança.

Conclusão

Podemos inferir que comungar é aderir a Cristo de maneira concreta e real. Isso já ocorreu no fiel ao receber os outros sacramentos de iniciação cristã: o Batismo e a Confirmação. No entanto, a Eucaristia é uma renovação dessa adesão a Cristo de maneira pessoal e sempre nova, que se traduz em atitudes na vida, nas suas obras. “Assim também a fê, se não tiver obras, está completamente morta” (Tg 2,17). A transubstanciação eucarística significa a nossa conversão profunda em Corpo de Cristo.³⁴

A transubstanciação da Igreja, Corpo de Cristo, deve ser vista de modo analógico. Pode-se fazer um paralelo com aquilo que ocorre nas espécies eucarísticas e o que ocorre na Igreja e para o mundo. O fiel, a Igreja e o mundo não perdem sua realidade, como os dons não perdem seus acidentes, porém são santificados, cristificados, tornados mais dignos, conservando sua cultura, e assim, se cristificando naquelas realidades escatológicas futuras. “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). O protótipo desta situação é o próprio Cristo Ressuscitado. Cristo quer realizar em nós a plena humanização com plena personalização da natureza humana, afastando toda e qualquer possibilidade de sua dissolução e destruição. É, pois, a transformação profunda dada pelo Reino que produz uma Igreja verdadeiramente transformada em Corpo de Cristo.

Portanto, a conversão cristã tem também sua analogia radical na conversão eucarística. Não é só a finalidade ou o significado que mudam na vida do fiel, é sua substância profunda e concreta, não no sentido físico-químico, nem filosófico, mas no sentido real e ontológico do ser humano.

Referências bibliográficas

ALDAZÁBAL, José. **A Eucaristia**. Petrópolis: Vozes, 2002.

ALDAZÁBAL, José. A Eucaristia. In: BOROBIO, Dionisio (org.). **A Celebração na Igreja 2: sacramentos**. 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008, p.143-361.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 3. impr. São Paulo: Paulus, 2004.

BOSELLI, Goffredo. **O sentido espiritual da Liturgia**. 2.ed. Brasília: Edições CNBB, 2022.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus: Paulinas, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Puebla**: evangelização no presente e no futuro da América Latina: conclusões da IIIª Conferência Geral do Episcopado Latino-americano. São Paulo: Paulinas, 1979.

³⁴ HADDAD, A., Eucaristia e Compromisso social, p.243-245.

COMISSÃO “FÉ E CONSTITUIÇÃO” DO CONSELHO MUNDIAL DAS IGREJAS.

Texto de Lima: “Convergência da Fé”: (Batismo, Eucaristia, Ministério). 1982. Disponível em: <https://ecclesia.org.br/byblos/?page_id=51971>. Acesso em: 08 maio 2024.

DOCUMENTOS DE PAULO VI. São Paulo: Paulus, 1997.

ENCÍCLICAS DE SÃO JOÃO PAULO II. Organização geral: Lourenço Costa; tradução: Tipografia Poliglota Vaticana. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2019. (Coleção Documentos da Igreja).

FLORISTAN, Casiano. Pastoral Litúrgica. In: BOROBIO, Dionisio(org.). **A Celebração na Igreja 1:** Liturgia e sacramentologia fundamental. 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p.425-461.

GOMES, Victor Franco. “A Eucaristia faz a Igreja” segundo a mediação sobre a Igreja de Henri de Lubac. In: **Humanística e Teologia**, Braga, Portugal, UCP, n.22, p. 353-365, 2001.

HADDAD, Antônio. **Eucaristia e compromisso social:** como Paulo VI entendeu a Eucaristia na Igreja e na sociedade. São Paulo: Loyola, 1985.

KLOPPENBURG, Boaventura. **Colheita na Vetustez:** fragmentos de teologia dogmática. Petrópolis: Vozes, 2005.

NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Específica dos Sacramentos. In: SCHNEIDER, Theodor (Org.). **Manual de dogmática.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, v. 2.

SANTOS, Benedito Beni dos. **Paulo VI:** o pontificado que foi marcado pelo serviço de amor e inaugurou a primavera da Igreja. Cachoeira Paulista/SP: Editora Canção Nova, 2018.

SAPIENZA, Leonardo. **La Barca de Pablo.** Madrid: San Pablo, 2018.

SOUZA, Ney de; GOMES, Edgar da Silva. Os papas do Vaticano II e o diálogo com a sociedade contemporânea. In: **Teocomunicações**, Porto Alegre, RS, PUC-RS, v.44, n.1, p.5-27, jan.-abr. 2014. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/18264/11689>>. Acesso em: 08 maio 2024.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica:** os sacramentos. v. IX. III parte. Questões 60-90. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

Anderson Messina Perini

Mestrando em Teologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Marília/SP – Brasil

E-mail: anderson.m.perini@gmail.com

Recebido em: 07/06/2024

Aprovado em: 18/06/2025